

## Primórdios da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de São João del-Rei: aspectos políticos e sociais

Paulo Henrique Apipe Avelar de Paiva  
Maria Laura Magalhães Gomes

**Resumo:** Este artigo aborda alguns resultados de uma pesquisa sobre o curso de Licenciatura em Matemática criado na Universidade Federal de São João del-Rei (MG) em 2001. O foco são aspectos políticos e sociais que envolveram a origem e o início do funcionamento do curso. A História Oral, adotada como opção metodológica, norteou quinze entrevistas com professores e alunos egressos da Licenciatura. Mediante o cotejamento entre documentos institucionais e as entrevistas, evidenciaram-se as motivações para a criação da licenciatura plena em Matemática na instituição, as demandas da legislação educacional e o contexto político da época. Ademais, as análises possibilitaram compreender as dificuldades do início, especialmente a escassez de docentes para atuar no curso.

**Palavras-chave:** História da Formação de Professores de Matemática. História da Educação Matemática. História Oral. Universidade Federal de São João del-Rei. Licenciatura em Matemática.

**Paulo Henrique Apipe Avelar de Paiva**  
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3349-0416>  
✉ [apipe.mat@gmail.com](mailto:apipe.mat@gmail.com)

**Maria Laura Magalhães Gomes**  
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-2423-7750>  
✉ [mlauramgomes@gmail.com](mailto:mlauramgomes@gmail.com)

Recebido em 25/05/2023  
Aceito em 27/06/2023  
Publicado em 22/07/2023

## Political and social aspects of early times in Mathematics Teacher Education course at UFSJ

**Abstract:** This article discusses some results of a research on the Mathematics Teacher Education course created at the Federal University of São João del-Rei (MG) in 2001. The focus is on political and social aspects that involved the origin and early times of the course. Oral History, adopted as a methodological option, guided fifteen interviews with teachers and students who graduated as Mathematics teachers in that course. By comparing institutional documents and interviews, the motivations for creating the course at the institution, the demands of educational legislation and the political context of the time were highlighted. Furthermore, the analyzes made it possible to understand the difficulties at the beginning, especially the shortage of professors to work in the course.

**Keywords:** History of Mathematics Teacher Training. History of Mathematics Education. Oral History. Federal University of Sao Joao del Rei. Degree in Mathematics.

## Inicios de la Licenciatura en Matemáticas en la Universidad Federal de São João del-Rei: aspectos políticos y sociales

**Resumen:** Este artículo discute algunos resultados de una investigación sobre el curso de Licenciatura en Matemáticas creado en la Universidad Federal de São João del-Rei (MG) en 2001. El foco está en los aspectos políticos y sociales que involucraron el origen y el comienzo del curso. La Historia Oral, adoptada como opción metodológica, guió quince entrevistas con docentes y alumnos egresados de la Licenciatura. Mediante la comparación de documentos institucionales y entrevistas, se destacaron las motivaciones para crear una carrera completa en Matemáticas en la institución, las exigencias de la legislación educativa y el contexto político de la época. Además, los análisis permitieron comprender las dificultades en el inicio, especialmente la escasez de profesores para actuar en el curso.

**Palabras clave:** Historia de la Formación del Profesorado de Matemáticas. Historia de la Educación Matemática. Historia oral. Universidad Federal de São João del Rei. Licenciado en Matemáticas.

## 1 Introdução

O foco da investigação que realizamos (PAIVA, 2023) está em São João del-Rei, cidade principal da microrregião identificada pelo mesmo nome. A cidade é uma das mais antigas de Minas e suas origens remontam à primeira década do século XVIII. Com o passar do tempo, constituiu-se como um centro urbano de tradição cultural, com a presença de importantes instituições escolares, como mostram os trabalhos de Arruda (2011) e Rios (2008). Na segunda metade do século XX, instalaram-se ali instituições de ensino superior que passaram a oferecer cursos para habilitar professores para o ensino secundário. Três dessas instituições, dentre as quais destacamos a Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, passavam por dificuldades financeiras no fim da década de 1980 e a solução encontrada para que não encerrassem as atividades na cidade foi entregá-las aos cuidados da administração pública. Assim, em 1987, a partir da união e da federalização de três faculdades locais, foi instaurada a Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (Funrei). Por sua vez, o desejo de dar à instituição autonomia administrativa acarretou a conversão da Funrei em Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), em 2002.

A relevância da pesquisa empreendida está em avançar nas investigações sobre a História da Formação de Professores de Matemática na cidade de São João del-Rei, considerando a existência de trabalhos anteriores pautados na temática, a exemplo de Paiva (2016). Os resultados da investigação contemplados neste texto relacionam-se aos aspectos políticos e sociais da criação e dos primeiros anos de funcionamento da Licenciatura em Matemática da UFSJ, curso passou a existir em 2001. O ano seguinte marcou o ingresso de sua primeira turma e também o momento em que a Funrei se preparava para sua transição para Universidade Federal de São João del-Rei.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, contribuiu para que a licenciatura plena em Matemática se tornasse uma realidade na UFSJ. A nova LDBEN “tornou obrigatória a formação na licenciatura plena para lecionar na educação básica” (ROQUE, 2019, p. 156). Ou seja, para continuar formando professores, a UFSJ precisaria contar com licenciaturas plenas, inclusive em Matemática. Até 2001, a formação institucional de professores de Matemática, sobretudo para atender a demanda da região de São João del-Rei, era proporcionada, em grande parte, pela licenciatura curta em Ciências, um curso criado em 1966 pela Faculdade Dom Bosco e incorporado à instituição antecessora à UFSJ, a Funrei, por ocasião de sua federalização. Já no período de

Fundação, a licenciatura foi posta aos cuidados dos professores do Departamento de Ciências Naturais. Em outras palavras, professores das áreas de Biologia, Física e Química conduziam o curso e, aos docentes da área de Matemática, cabia um papel secundário na formação dos futuros professores, que consistia quase que exclusivamente em ministrar aulas de conteúdos matemáticos. Aquela licenciatura admitiu alunos em seu quadro até o ano de 2001 e, em 2003, encerrou suas atividades (PAIVA, 2016).

Na tentativa de compreender os anos iniciais da formação de docentes de Matemática na UFSJ e alguns aspectos políticos e sociais daquele momento, utilizamos fontes escritas e fontes orais, uma vez que o período recente nos dá a possibilidade de encontrar pessoas – alunos, professores e gestores – ligadas à licenciatura em Matemática. Desta maneira, utilizamos documentos, na concepção que Cellard (2010) lhes dá, ou seja, “(...) todo texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel.” (p. 297), bem como testemunhos de pessoas que fizeram parte do curso de nosso interesse, devido às potencialidades oferecidas pelas narrativas dessas pessoas.

Este artigo se estrutura em seções que trazem o contexto e as fontes da pesquisa; notas sobre a História Oral como opção metodológica; a criação da licenciatura em Matemática da UFSJ; dificuldades do início dos trabalhos; e considerações finais.

## **2 Contexto e fontes da pesquisa**

O objetivo geral da pesquisa de doutorado (PAIVA, 2023) que tem alguns de seus resultados comentados no presente texto foi construir uma história da formação de professores de Matemática no curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal de São João del-Rei. O recorte temporal escolhido teve seu marco inicial em 2001, ano de conversão da Funrei em UFSJ, e o marco final em 2019, ano da mais recente reforma curricular do curso, vigente a partir de 2020. Conforme salientamos, tratamos aqui do momento de criação da licenciatura, das motivações dos docentes da UFSJ para criarem tal curso e de algumas dificuldades enfrentadas inicialmente.

Tivemos a possibilidade de conversar pessoalmente com sujeitos cujas trajetórias, em algum período, se cruzaram com a da licenciatura em Matemática da UFSJ. Porém, como ressalta Joël Candau, “um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” (CANDAU, 2011, p. 35). Pensando nisso, ouvimos as narrativas de algumas pessoas que estiveram presentes em algum momento do processo de

criação da licenciatura em Matemática da UFSJ e produzimos fontes ao entrevistá-las. Entendemos essas fontes como indispensáveis, justamente por proporcionarem múltiplos pontos de vista e por representarem uma pluralidade de sujeitos que compuseram o curso de licenciatura em Matemática da UFSJ.

Querer contar com os testemunhos de pessoas que participaram, na condição de docentes ou discentes do curso, durante o período estabelecido, não nos fez – e nem poderia fazer – excluir outros tipos de fontes. Pelo contrário, isso nos motivou a procurar conhecer nosso objeto de investigação também em outros meios. Nosso objetivo, com isso, não foi comparar os relatos dos entrevistados com documentos escritos, como se fossemos juízes em busca de uma verdade incontestável. Nossa intenção foi, então, cotejar e analisar diversas fontes para construir nossa narrativa sobre a formação de professores de Matemática na licenciatura da Universidade de São João del-Rei.

Solicitamos a professores e antigos estudantes que conhecíamos a indicação de pessoas que poderiam colaborar conosco. Após realizarmos vários contatos, conseguimos um apoio valioso, caracterizando o processo que Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 235) denominam critério de rede<sup>1</sup>. Em outras palavras, “um colaborador sugere ao pesquisador a pertinência do depoimento de outra pessoa” (GARNICA, 2004, p.102).

O Quadro 1 nos fornece um panorama da relação final dos seis entrevistados cujos relatos foram usados para a produção deste artigo.

---

<sup>1</sup> Há que se ter cuidado com o critério de rede. Não devemos nos restringir a ele para não correremos o risco de deixar de considerar a multiplicidade de olhares sobre o mesmo objeto de pesquisa, já que muitas indicações vêm por afinidade de quem as faz. O critério de rede, usado como o único para selecionar colaboradores, pode eleger para a pesquisa pessoas que compartilham da mesma visão e que, conseqüentemente, apresentarão pontos de vista semelhantes nas entrevistas. Visões destoantes e, muitas vezes, conflitantes convivem e, na História Oral, têm o papel fundamental de mostrar a presença de ideias distintas sobre o mesmo fato. Acatamos, então, também, sugestões de outras pessoas.

Quadro 1 – Dados sobre os colaboradores da pesquisa

Nome	Vínculo com o curso	Ano de formatura na instituição	Graduação cursada na instituição	Período de vínculo com a instituição como docente	Período de vínculo com a instituição como discente	Data/hora da(s) entrevista(s)
Romélio Mara Alves Souto	Professora e uma das proponentes do curso.	Não se aplica	Não se aplica	1997 - atual	Não se aplica	19/02/2021 10h 23/02/2021 20h30
Francinildo Nobre Ferreira	Professor e um dos proponentes do curso.	Não se aplica	Não se aplica	1989 - atual	Não se aplica	28/03/2021 15h
José do Carmo Toledo	Professor e um dos proponentes do curso.	Não se aplica	Não se aplica	1989 - 2017	Não se aplica	13/07/2015 16 h
Diogo Geraldo Rios	Ex-aluno da primeira turma	2005	Licenciatura em Matemática	Não se aplica	2002 - 2005	16/02/2021 10h
Francilene Barbosa dos Santos Silva	Ex-aluna da primeira turma	2005	Licenciatura em Matemática	Não se aplica	2002 - 2005	16/02/2021 10h
Danielli Vilela Santos de Faria	Ex-aluna da primeira turma	2005	Licenciatura em Matemática	Não se aplica	2002 - 2005	16/02/2021 10h

Fonte: produzido pelos autores.

A entrevista do professor Toledo, datada de 2015, foi realizada para a pesquisa de mestrado de Paiva (2016) e ocorreu de maneira presencial. No momento em que nos preparávamos para as demais entrevistas, ainda em 2020, fomos surpreendidos por uma situação de emergência sanitária mundial provocada pelo surgimento da covid-19, a qual rapidamente se transformou em uma pandemia. Em decorrência da situação, foi necessário repensar a forma de obter os depoimentos. A solução encontrada foi a realização de entrevistas virtuais, com o auxílio de aplicativos de videoconferência.

Após a realização das entrevistas fizemos a transcrição do registro em áudio. Esse passo consiste num primeiro registro escrito, observando cuidadosamente o vocabulário e procurando preservar a linguagem usada pelos entrevistados. Somente após essa primeira etapa de transcrição demos início à textualização das entrevistas, isto é, à produção de um texto editado, o qual sofreu adaptações com a intenção de suavizar as marcas da oralidade e se conectar à nossa questão de pesquisa, para possibilitar uma construção da história do curso de Matemática na UFSJ, no período de 2001 a 2019. Portanto, este estudo se enquadra na perspectiva da História Oral Temática (GARNICA, 2003), pautada na perspectiva da obtenção de depoimentos significativos sobre um tema específico.

Cautelas de cunho ético foram consideradas para a realização das entrevistas. Antes de cada conversa com os professores e ex-alunos, remetemos a eles e elas uma carta de apresentação inicial da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e o roteiro para as entrevistas. Precedendo a realização das entrevistas, cada colaborador leu e assinou o TCLE, no qual constavam todas as condições para a realização da entrevista. Foi salientada a necessidade da autorização de uso de todo o material produzido (gravação, transcrição e textualização).

Enviamos as textualizações aos colaboradores, juntamente com uma carta que solicitava sua apreciação sobre o material. Eles e elas o aprovaram ou propuseram adequações, alterações, inclusões e/ou exclusões. Além desses dois documentos, no mesmo momento, remetemos a todos uma carta de cessão de direitos de todo o material produzido. Pedimos aos entrevistados a autorização para a divulgação de seus nomes, por meio da carta de cessão de direitos, e conseguimos a assinatura e a autorização de todos os participantes. Alguns sugeriram mudanças no modelo proposto para a carta de cessão, no que foram atendidos.

Principiamos, então, o processo de análise das fontes que criamos ou que angariamos, buscando cotejá-las. Sabemos que a realidade é complexa e multifacetada (THOMPSON, 1992). Dessa forma, não é nossa intenção construir esta narrativa da criação da licenciatura em Matemática da UFSJ com aspiração à generalização (BOLÍVAR, 2002). O que quisemos foi expor esse percurso para contribuir com o debate acerca da pesquisa em História da Educação Matemática, sobretudo com a utilização da História Oral.

### **3 Considerações metodológicas**

As entrevistas que os colaboradores se dispuseram a nos conceder foram realizadas com base na metodologia da História Oral. “A História Oral, segundo nossa perspectiva, é uma trama metodológica disparada pela oralidade, em situações de entrevistas, mas não restrita à oralidade (o que implica em diálogo com fontes das mais diversas naturezas)” (GARNICA; BARALDI, 2021, p. 10). Para Meihy (2002, p. 20-21),

a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido, está ligada ao direito de cidadania. Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos

ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva.

Entretanto, é necessário termos atenção para algumas questões que podem vir à tona. Pensar – ou prever – tais situações pode auxiliar a evitar “armadilhas” e evitar a fazer mau uso da História Oral. Segundo Galvão e Lopes (2010, p. 77),

Primeiro, há a imprevisibilidade e o não controle da situação, o que requer do pesquisador disposição e habilidade de escuta. [...] Outra questão que merece ser pensada é o retalhamento da voz do sujeito, necessário à operação historiográfica. [...] Ao lado do retalhamento necessário, é preciso manter, na medida do possível, a inteireza de cada depoimento. [...] Também merece destaque o cruzamento de fontes. Ao utilizar outros documentos, o historiador corre menos o risco de considerar as entrevistas como a “voz” daqueles que não podem falar. Além disso, a consulta a outras fontes ajuda a formular as questões das entrevistas e compreender suas respostas.

Amado e Ferreira (2006) nos apresentam uma história sempre em construção e proporcionam a oportunidade de interligar a pesquisa empírica à reflexão teórico-metodológica. Utilizando a História Oral, esquadrihamos a memória individual e coletiva, e buscamos acontecimentos não registrados em documentos escritos. Nessa direção, segundo Garnica e Souza (2012, p. 98-99), buscamos estabelecer “‘versões’ que compõem cenários possíveis e preservam vozes muitas vezes alternativas e dissonantes aos ‘fatos’ históricos”.

Nesse contexto, no entendimento de Garnica (2006), além de a História Oral ser um método de pesquisa qualitativo, a escolha dessa metodologia traz consigo algumas implicações importantes.

[...] optar pela História Oral, portanto, é optar por uma concepção de História e reconhecer os pressupostos que a tornaram possível. É inscrever-se num paradigma específico, é perceber suas limitações e suas vantagens e, a partir disso, (re)configurar os modos de agir de maneira a vencer as resistências e ampliar as vantagens. Portanto, não se trata simplesmente de optar pela coleta de depoimentos e, muito menos, de colocar como rivais a escrita e a oralidade. Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re) construir algumas de suas várias versões, aos olhos dos atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores – via de regra negligenciados –, sem desprestigiar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis (GARNICA, 2006, p. 89).

De uma maneira geral, a História Oral pôde nos proporcionar acesso a testemunhos capazes de lançar luzes a aspectos não evidenciados nos documentos escritos. A essas narrativas

damos o mesmo tratamento que às fontes escritas ao tentar interpretá-las, compreendê-las e articulá-las para, assim, construir nossa história da formação institucional dos professores de Matemática da UFSJ<sup>2</sup>. Baseando-nos em Gomes (2012), podemos afirmar que “nenhum tipo de documento retrata o que verdadeiramente se passou” (p. 128, grifos do original) e, tampouco, os depoimentos orais são donos de tal veracidade. Assim sendo, procuramos não dar mais valor a um tipo de fonte mais do que a outro, pois

Entende-se que a História Oral gera fontes historiográficas e que o pesquisador, ao analisar essas fontes, pode estabelecer uma versão acerca do contexto abordado pelas fontes (criando, portanto, outra fonte). Num trabalho analítico dessa natureza, uma grande variedade de recursos/fontes (e, conseqüentemente, de pontos de vista) é mobilizada além dos depoimentos orais. Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferenciado, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que, não poucas vezes, conflitantes. (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 237).

Considerando a importância de trabalhar também com outros tipos de fontes, mobilizamos os seguintes documentos escritos: os três projetos pedagógicos da licenciatura plena em Matemática elaborados até hoje; programas das disciplinas do curso de Matemática da UFSJ no período em foco; legislação educacional; atas do colegiado do curso de licenciatura em Matemática; e materiais produzidos por professores e alunos, tais como relatórios de estágio supervisionado.

Para Cellard (2010, p. 295),

O documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. [...] graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias.

---

<sup>2</sup> De acordo com Gomes (2019, p. 31), “a formação e a atuação de professores de Matemática precisam ser percebidas como um processo contínuo, que ultrapassa a vivência nas instituições acadêmicas e as prescrições para o preparo profissional dos professores”.

Concordando com a autora, entendemos que investigar a formação **institucional** de professores de Matemática não é o mesmo que investigar a formação de professores de Matemática, ainda que na pesquisa empreendida tenhamos vislumbrado a possibilidade de tocar em pontos concernentes à formação não institucional dos sujeitos entrevistados. Desse modo, procuramos demarcar, ao longo de todo o texto, que a pesquisa teve como objetivo geral compreender como se deu a formação acadêmica, ou seja, em uma licenciatura plena, que formou, e ainda forma, professores de Matemática para lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental e em todo o Ensino Médio.



Sabendo disso, levamos em conta, na análise dos documentos escritos, as condições de produção e a intencionalidade de cada um, de acordo com o que propõe Le Goff (2013).

#### **4 A criação da licenciatura em Matemática da UFSJ**

No início da década de 1990, a formação institucional de professores de Matemática na cidade de São João del-Rei concentrava-se, exclusivamente, no Curso de Ciências da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (Funrei), que era uma licenciatura de duração curta e habilitava professores chamados polivalentes, por terem possibilidade de lecionar Matemática, Física, Química e Biologia. Esse foi um modelo de formação voltado para a rapidez e economia de recursos no contexto da do regime militar instaurado no país em 1964. O modelo foi imposto pelo governo federal a partir da Resolução 30/1974<sup>3</sup>, num momento de crescimento da demanda educacional.

Em São João del-Rei, para estabelecer as complementações necessárias a uma licenciatura plena, foi formada uma comissão interna, composta por professores do Departamento de Ciências Naturais (DCNAT) da Funrei, que precisava considerar as necessidades ou as carências de docentes na região. A conclusão dessa comissão, após estudar a questão, foi de que as disciplinas com maior defasagem de professores eram a Física e a Química. A partir do vestibular de 1992, os alunos ingressantes teriam a possibilidade de continuar os estudos para obter a licenciatura plena em uma das duas áreas.

No contexto anterior, os professores que concluíam a graduação no curso de Ciências da Funrei estavam aptos a lecionar Matemática e Desenho Geométrico. Contudo, a habilitação para a docência referia-se somente às séries finais do antigo 1º Grau, denominado Ensino Fundamental desde a promulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996. Cabia ao concluinte dar continuidade aos estudos em outras instituições, caso almejasse ministrar

---

<sup>3</sup> De acordo com a Resolução 30, após a conclusão da licenciatura curta em Ciências, que teria duração mínima de dois e máxima de quatro anos letivos, poder-se-ia dar continuidade aos estudos para a obtenção da licenciatura plena com habilitação específica em Matemática, Física, Química ou Biologia. O curso total, incluindo a licenciatura curta e a plena, poderia ser feito em no mínimo três e no máximo sete anos letivos e seria possível fazer apenas a licenciatura curta. A imposição da licenciatura em Ciências não conseguiu atingir todas as instituições formadoras de professores no Brasil, principalmente porque as comunidades científicas das grandes universidades públicas recusaram-se a transformar seus cursos plenos com habilitações específicas nos cursos de Ciências então propostos (BRAGA, 1988; SILVA; GARNICA, 2018; NASCIMENTO, 2012).

aulas de Matemática no então 2º Grau. Esse foi o caso, por exemplo, do ex-aluno Aurélio José Parreira, entrevistado por ocasião de nossa pesquisa de mestrado (PAIVA, 2016).

Uma vez que a licenciatura em Ciências estava sob a gestão de professores do DCNAT, o qual congregava físicos, químicos e biólogos, esses docentes trabalhavam a formação do professor de Ciências na perspectiva das três disciplinas. A formação do professor de Matemática, especificamente, praticamente não era levada em conta.

*Apesar disso, havia alunos que despertavam interesse para Matemática ou para licenciatura. A gente percebia que muita gente se interessava pela parte relacionada ao ensino de Matemática. Tanto é que isso foi um dos pontos que contaram na hora de criar o curso de Matemática. A gente viu que tinha demanda, tinha gente interessada, tinha gente procurando (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

O professor Toledo ainda apontou, como outra motivação pessoal, a necessidade de um espaço no qual ele pudesse colaborar com a formação do futuro professor de Matemática de maneira mais incisiva. Na licenciatura em Ciências, os professores do Departamento de Matemática (Demat) eram designados para determinadas disciplinas, mais ligadas às exigências para funcionamento legal do curso e menos à formação do futuro educador – essa parte ficava quase que exclusivamente a cargo dos professores do Departamento de Educação da Funrei. Não havia, por parte dos professores do Demat, sentimento de pertença ao curso, no que tange a serem partícipes do processo de formação, ainda que, ao final, os docentes ali formados pudessem lecionar Matemática. Até então, além do curso de Ciências, a formação que o Departamento ofertava ocorria via cursos de fim de semana, em que o aluno, às vezes, fazia uma atividade num mês e voltava somente no mês seguinte. Essa percepção da necessidade de um curso que oferecesse mais do que elementos básicos da formação é oposta à tendência das práticas – e até mesmo das disposições institucionais – mencionada por Filipe Fernandes e Vicente Garnica: “qualquer formação é melhor que nenhuma” (FERNANDES; GARNICA, 2020, p. 8).

Concomitantemente, o Demat, nos anos 1990, era um departamento “assistencial” da Universidade. Servia como uma instância acadêmica de apoio aos diversos cursos à medida que eles solicitavam disciplinas. Nas palavras do professor Toledo,

*O Departamento de Matemática, em 1990, era apenas um departamento de apoio aos cursos da universidade. Os cursos que precisavam de Matemática, Estatística e Ciência da Computação buscavam os profissionais do departamento. Então eu era apenas um profissional no departamento que*

*servia para dar aulas de Matemática superior nos diversos cursos que existiam, os quais não eram muitos. No total, eram cinco no campus Santo Antônio e uns quatro no campus Dom Bosco. O meu trabalho, de 1990 até 2001, foi apenas de um professor no departamento de apoio à universidade. (Relato de José do Carmo Toledo).*

Os docentes do Demat, naquele momento, reivindicavam para seu departamento um protagonismo maior na formação do professor de Matemática – principalmente com o objetivo de atender à região – e desejavam fazer isso na própria Funrei.

Outra demanda pela criação da licenciatura em Matemática foi constatada a partir da convivência com pessoas que já exerciam a docência na Educação Básica da cidade de São João del-Rei. A necessidade de uma formação mais consistente ficou clara para a professora Romélia logo no princípio de sua participação em um grupo denominado Núcleo de Professores de Ciências e Matemática (NPCM).

*A partir da experiência do NPCM, tive mais subsídios e mais condições de começar a pensar a questão da licenciatura, porque eu via a necessidade, na lida com os professores da rede, de criar a licenciatura em Matemática na antiga Funrei. Além disso, para ampliar o meu trabalho no curso de Ciências, porque não era interessante só ficar lecionando Matemática em outros cursos (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

A necessidade de criação da licenciatura plena, observada a partir da lida com professores que já atuavam na Educação Básica, pode ter sido percebida devido a alguma deficiência identificada na formação desses docentes. Nesse sentido, seria importante oferecer às futuras gerações de professores uma formação mais direcionada. De toda forma, entendemos que a necessidade de repensar o lócus da formação institucional de professores de Matemática em São João del-Rei, mencionada pela professora, tornava-se urgente, também, por força da legislação. Em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei N° 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN). Em seu artigo 62, a LDBEN preconiza que a

*formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras series do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal (BRASIL, 1996, p. 7).*

Portanto, a justificativa para uma nova licenciatura em Matemática ser considerada passava, também, por oferecer aos professores já em exercício na escola a oportunidade de se

licenciarem em uma graduação plena. Se não fosse esse o caso, cursos de pós-graduação seriam suficientes para a formação continuada do professor.

Diante de todas essas circunstâncias, que tornavam a criação da licenciatura plena em Matemática na instituição uma realidade cada vez mais inevitável, não podemos olvidar o processo de franca expansão em que a Fundação se encontrava por objetivar se converter em universidade federal. No bojo dessa ampliação, o então diretor executivo da Funrei, o professor Mário Neto Borges, incitava todas as unidades acadêmicas a criarem seus cursos – e não foi diferente com o Demat. Pessoalmente, ele percorria os diversos departamentos e propunha aos professores tal desafio.

O interesse da instituição em ganhar força para iniciar seu projeto de transformação em universidade e a crescente necessidade, percebida pelos professores do departamento, de se ter um espaço dedicado exclusivamente à formação de professores de Matemática e às imposições da legislação, contribuíram para que a ideia de uma licenciatura plena em Matemática fosse colocada em prática. Antes, pois, os docentes solicitaram autorização ao Departamento, e o chefe na época, o professor Marco Antônio Claret de Castro, nomeou uma comissão para estudar a viabilidade do projeto.

*Afinal, estamos situados em uma região geográfica privilegiada, do ponto de vista da formação universitária. Num raio de 150 km, naquela época, já havia cerca de sete universidades federais com cursos de Matemática. A primeira coisa que a gente se perguntava era: será que nós vamos ter alunos? Então a gente criou uma comissão, dentro do Departamento, para estudar a viabilidade, a demanda, as condições e a necessidade de contratação de professores (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Os membros da comissão consideraram que, mesmo em uma região privilegiada, dotada de vários cursos de graduação em Matemática sediados a pequena distância, o curso deveria ser ofertado integralmente no turno noturno. Assim tem ocorrido desde o início das atividades. Nessa direção, a professora Romélia argumentou que a tônica da instituição é ser um centro de ensino pronto a atender a classe trabalhadora da região que deseja dar continuidade aos estudos. Analisando as publicações da edição número 197 do Diário Oficial da União, de 15 de outubro de 2001, encontramos as portarias 2.210, 2.211 e 2.212 do Ministério da Educação, as quais autorizavam, respectivamente, o funcionamento das licenciaturas em Matemática, História e Ciências Biológicas, todas pelo Centro de Ensino Funrei. Ao final do primeiro artigo de cada uma das portarias, estava especificado que os cursos teriam suas atividades no turno noturno.

A comissão encarregada de planejar o curso de licenciatura em Matemática a ser criado era composta pelos professores Francinildo Nobre Ferreira, José do Carmo Toledo, Mario Wiliam Dávila Dávila, Milena Spegiorin Moreno Gomes, Peter de Matos Campos e Romélia Mara Alves Souto. O professor Francinildo descreveu a divisão dos trabalhos da comissão da seguinte maneira:

*Nós dividimos o trabalho, basicamente, em duas equipes: Toledo e Romélia cuidaram das disciplinas pedagógicas e da organização dessas disciplinas – não lembro se essa equipe contou com a participação de outra pessoa; e na parte da Matemática, ficamos, Mário e eu, principalmente, mas o Peter e a Milena também participavam. Além disso, nós nos debruçamos sobre a organização do plano de ensino e de planos de curso bem realistas e, assim, fomos construindo o curso, seguindo as diretrizes curriculares dos cursos de Licenciatura. Foi um trabalho contínuo e longo para a que a gente criasse as disciplinas e um currículo sobre o qual eu ouvia, de vários alunos, que se diferenciava por tratar, na universidade, dos conteúdos básicos. No curso de Ciências, por exemplo, trabalhava-se pouco os conteúdos básicos, era um curso mais ligado ao Cálculo, embora algumas disciplinas fossem de conteúdo básico (Relato de Francinildo Nobre Ferreira).*

Enquanto a comissão trabalhava e antes de o primeiro projeto ser aprovado, o curso teve, efetivamente, suas atividades iniciadas. A Portaria Nº 2.210, de 11 de outubro de 2001, do Ministério da Educação, autorizou o funcionamento da licenciatura a partir de sua data de publicação, ocorrida no dia 15 do mesmo mês, no Diário Oficial da União. Naquele ano, o vestibular da Funrei já passou a contar com a opção de inscrição para o curso de licenciatura em Matemática.

As aulas começaram no primeiro semestre de 2002, concomitantemente à conversão da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei em Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), nas instalações físicas do campus Dom Bosco. Isso poderia nos levar a concluir que o advento da Universidade Federal tenha facilitado a criação do curso de Matemática. Entretanto, não é o que parece, se considerarmos a cronologia dos acontecimentos.

*O curso não foi criado porque a universidade se transformou. Foi mais porque a gente estava querendo se transformar numa universidade federal e, para isso, a gente precisava impulsionar a Funrei em várias direções. Eu acho que, na época da criação do curso de Matemática, foram criados três cursos juntos: a Biologia e História, além do nosso. Isso abrindo frentes de trabalho e de investimento foi o que eu acho que ajudou a consolidar a Funrei para que ela se tornasse uma universidade. Já como UFSJ, o curso teve sua primeira turma, mas esses cursos ajudaram no processo de transformação de Funrei para UFSJ (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Outro aspecto que não poderíamos nos furtar a observar e esclarecer é a relação entre a nova licenciatura plena em Matemática e a antiga licenciatura curta em Ciências. Coincidentemente, enquanto uma encerrou a oferta de turmas em 2001, a outra iniciou suas atividades no ano seguinte. Embora a criação da habilitação plena para lecionar Matemática não tenha representado a continuidade, com ampliação, do curso de Ciências, notamos que essa licenciatura influenciou alguns docentes que propuseram a licenciatura em Matemática. A respeito disso, o professor Toledo apontou a existência de variadas motivações. Dentre elas, a de se criar um espaço destinado a trabalhar questões específicas da formação do futuro professor de Matemática, segundo a perspectiva de educadores matemáticos e matemáticos do Demat.

*A mim, pessoalmente, o curso de Ciências influenciou diretamente na criação do curso de Matemática. Tanto é que eu ajudei a cuidar muito da parte pedagógica do projeto do curso. A parte de ementa e de disciplinas ficou com outros colegas. Pedagogicamente, era importante essa questão de precisar bater asas, de nos dedicar a formar professores de Matemática e de que não era bom como estava. Isso é uma motivação. O curso de Ciências teve um papel importante, com certeza. O que aconteceu foi que nós criamos o ambiente de formação específica em Matemática e as motivações foram variadas. Se os matemáticos que só se interessavam por Matemática queriam esse ambiente para poder trabalhar, também quem gostava de Educação Matemática queria esse ambiente para poder formar professores com melhor qualificação pedagógica, conduzida pelos próprios educadores matemáticos e não só pelos departamentos de Educação. (Relato de José do Carmo Toledo).*

Também relevante para se ressaltar foi o oferecimento de um curso de licenciatura plena gratuita em Matemática aos sanjoanenses, como enfatizado pelo professor Francinildo, que disse que, antes do curso da UFSJ, a licenciatura em Matemática gratuita mais próxima de São João del-Rei situava-se na cidade mineira de Ouro Preto, e por Diogo Geraldo Rios, aluno da primeira turma, que tinha se organizado para cursar Matemática na cidade de Barbacena, em uma instituição privada. Diogo destacou que foi naquele momento que houve a transformação da Funrei em UFSJ e foi divulgada a oferta do curso de licenciatura plena em Matemática a partir de 2002. Os dois relatos mostram que o advento da UFSJ teve efeitos na perda da atratividade de se fazer o curso em instituições particulares da região. No entanto, houve dificuldades no início do oferecimento do novo curso, como comentaremos na próxima seção.

## 5 Algumas dificuldades do início

O primeiro projeto pedagógico do curso foi aprovado após o início da formação da primeira turma. O professor Francinildo relatou que as tratativas para a implementação do novo curso

começaram quando de seu retorno do doutorado, em 1999. Portanto, foram necessários três anos desde o princípio dos trabalhos da comissão até que o primeiro projeto fosse redigido e aprovado pelo colegiado em 9 de setembro de 2002. Dos docentes da comissão de criação, assinaram o primeiro projeto do curso a professora Romélia, como presidente do colegiado; Francinildo, na condição de vice-presidente, e Toledo, membro docente. Além deles, a professora Maria Rita Rocha do Carmo, que não integrou a comissão de planejamento do curso, tomava assento, à época, no colegiado. Por fim, o acadêmico José Augusto Tavares completava a primeira composição do órgão.

Segundo os relatos, a construção do projeto foi trabalhosa. Depois do curso organizado e em funcionamento, uma comissão do Ministério da Educação (MEC) foi designada para verificar o andamento das atividades. No relatório final, a comitiva solicitou ajustes finos e, assim, a licenciatura em Matemática seguiu seu rumo.

A propósito, o número de profissionais da instituição foi se tornando um problema ao longo dos anos à medida que a Funrei crescia. Dados extraídos do Relatório de Gestão 1998-2003 mostram que o ritmo de contratação de novos docentes e técnicos-administrativos não se manteve proporcional ao crescimento da Funrei. No Quadro 2, podemos verificar que houve um salto na quantidade de professores e técnicos-administrativos de 1987 a 1994, mas, depois desse período, o número permaneceu praticamente estável, enquanto a Fundação crescia na oferta de cursos, pesquisas e projetos de extensão e, conseqüentemente, a demanda de trabalho aumentasse.

Quadro 2 – Número de servidores da Funrei entre 1987 e 2002

Tipo de Servidor	Ano						
	1987	1994	1998	1999	2000	2001	2002
Professores	139	194	191	187	185	181	176
Técnicos-administrativos	118	281	252	250	246	243	230

Fonte: UFSJ – Relatório de Gestão 1998 - 2003.

O oferecimento de cursos de nível superior à população sanjoanense já era uma realidade desde antes do advento da Funrei. Contudo, a partir de 1987, houve uma rápida ampliação dos cursos de graduação, por meio do aumento da oferta de vagas, sobretudo no turno noturno. Todos os cursos da instituição funcionavam à noite, ao passo que somente quatro deles ofereciam vagas também no período integral.

Portanto, um dificultador na época da criação da licenciatura plena em Matemática era o baixo número de professores. No final dos anos 1990, o Demat era composto por cerca de dez

professores. Esses docentes se dividiam para lecionar as disciplinas de Matemática que os cursos da Funrei necessitavam. Além disso, desempenhavam funções administrativas na instituição. Para agravar a situação, além de um número pequeno de docentes, segundo a professora Romélia, eram ainda em menor número os professores da área de formação. Além dela, única pessoa com formação especializada na área, o professor Toledo se voluntariou para contribuir nesse aspecto.

*A dificuldade maior que a gente via na época, mas que a gente resolveu arriscar, era a questão do corpo docente. Precisava contratar muita gente. Então a gente fez um cronograma e esse cronograma não foi cumprido mesmo tendo sido atrelado, na documentação, à criação do curso. Além disso, criamos outro cronograma para que os professores da instituição pudessem complementar os estudos fazendo doutorado - foi o meu caso e de muitos outros. Quando começamos a voltar, o resultado foi imediato: criação de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, abertura de novos cursos de licenciatura, entre outras coisas. Esse foi um investimento certo que os administradores vislumbraram e no qual investiram muito (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Apesar de Romélia ter dito que o cronograma de contratações proposto não foi cumprido, ao menos algumas contratações foram feitas. São, por exemplo, desse período inicial os ingressos dos docentes Ronaldo Ribeiro Alves e Viviane Cristina Almada de Oliveira. Essa última professora ingressou na UFSJ em um certame que já direcionava a vaga para a área de Educação Matemática. A contratação de um profissional com formação específica em Educação Matemática só foi possível após a criação de uma licenciatura que justificasse a nova aquisição.

Outra característica herdada do período da Funrei foi o constante incentivo à complementação da formação dos docentes. Nossos entrevistados que iniciaram suas trajetórias nessa época falaram sobre as articulações para afastamento, com anuência da instituição, com vistas a progredir em seus estudos. A intenção da administração era qualificar o corpo docente para que fosse possível, cada vez mais, integrar ensino, pesquisa e extensão e dar visibilidade à UFSJ.

*[...] criamos um cronograma para que os professores da instituição pudessem complementar os estudos fazendo doutorado - foi o meu caso e de muitos outros. Quando começamos a voltar, o resultado foi imediato: criação de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, abertura de novos cursos de licenciatura, entre outras coisas. Esse foi um investimento certo que os administradores vislumbraram e no qual investiram muito.*

[...]



*Um professor que vem do doutorado, além das ideias novas, além de uma qualificação melhor, volta criando grupo de pesquisa, traz congressos da área, entre outras coisas. Ou seja, com uma pessoa qualificada vem junto uma porção de coisas que beneficiam muito os alunos (Trechos do Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Dados do Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018 (UFSJ, 2014) mostram que a maioria dos professores aprovados nos concursos da Funrei e, posteriormente, da UFSJ até 2007, ao ingressar, tinha como título máximo o de mestre – alguns docentes ingressavam como especialistas ou mesmo apenas com a graduação. Para exemplificar, em 2002, a UFSJ contava com sessenta e seis doutores, oitenta e seis mestres, quinze especialistas e nove graduados em seu quadro efetivo. Coube à administração fomentar a complementação da formação, especialmente em nível de doutorado, para que a instituição avançasse. Em termos numéricos, o planejamento de longo prazo, começado nos primórdios da Funrei, foi dando resultado, e no ano seguinte, 2003, a quantidade de doutores (82) superava a de mestres (78) (UFSJ, 2014), conforme apresentamos no Quadro 3.

Quadro 3 – Titulação do corpo docente da UFSJ entre 2002 e 2013

<b>Evolução da titulação do corpo docente de 2002 a 2013.</b>												
<b>Titulação</b>	<b>2002*</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009**</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>
<b>Graduação</b>	9	9	7	7	7	7	07	13	14	13	15	16
<b>Especialização</b>	15	14	13	13	13	11	11	13	15	20	20	19
<b>Mestrado</b>	86	78	75	74	77	67	78	112	170	147	165	177
<b>Doutorado</b>	66	82	90	98	119	129	149	293	389	418	440	480

\* Ano de transformação da Instituição em Universidade. \*\* Posição em setembro de 2013.

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional da UFSJ – 2014-2018.

Durante os primeiros anos, paralelamente à complementação da formação dos docentes, política importante para fazer funcionar o tripé ensino-pesquisa-extensão e fazer circular o nome da recém-criada universidade, a UFSJ experimentou certo crescimento, fruto de sua autonomia. Nos cinco anos iniciais de funcionamento, a instituição viu surgir cursos de graduação, foram criados cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu e os laços com a comunidade externa continuaram a existir.

No que concerne ao Departamento de Matemática da recém-criada universidade, havia um programa e uma escala de saída dos docentes para qualificação. A condição para o afastamento era que outro docente deveria assumir os encargos na instituição. Assim, no momento que a professora Viviane foi contratada, de acordo com o cronograma, o afastamento seria concedido à professora Romélia, que reconheceu que, sem a chegada de Viviane, não seria

possível sua saída. O curso não poderia funcionar sem mais um docente no quadro, principalmente um profissional ligado à formação de professores.

Logo em seguida à professora Romélia, o professor Toledo se afastou de suas atividades como docente da UFSJ para complementar sua formação em uma área diferente daquela em que, originalmente, havia ingressado na instituição. Depois de ter cursado o mestrado em Matemática, o professor começou seu curso de doutoramento na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, o mesmo em que Romélia fazia o doutorado. Durante algum tempo, ambos conviveram nele. O professor Toledo, em sua entrevista, refletiu sobre sua formação no doutorado e a atuação no novo espaço de formação institucional de professores de Matemática de São João del-Rei.

*Em 2002, quando começou a primeira turma do curso de Matemática, é que o meu trabalho passou a ser de formador de professores. Eu já vinha fazendo o trabalho de formação de professores no curso de Ciências, porém de Matemática mesmo, somente a partir de 2002. O doutorado surgiu justamente nesse período em que a gente acabava de criar a Licenciatura em Matemática. Em 2002, a primeira turma começou, se eu não me engano, e em 2004 eu já sentia necessidade de me aprofundar nos estudos, pois finalmente na minha trajetória profissional eu sentia a necessidade pessoal e profissional de me qualificar mais, justamente por eu ter pegado uma disciplina de História da Matemática e não ter, até então, nenhum tipo de formação na área – a minha graduação e o meu mestrado foram em Matemática Pura. Eu não tinha uma leitura de Educação Matemática suficiente para me dar uma tranquilidade no curso. A partir do momento em que eu lecionei História da Matemática, eu percebi que precisava me qualificar na área de Educação Matemática. Até então, como membro de um departamento de apoio, eu não senti essa necessidade, e por isso fui cuidar de outras coisas da minha vida pessoal. Deixei um pouco de lado a minha formação acadêmica (Relato de José do Carmo Toledo).*

Em meio às dificuldades comuns a cursos novos, identificamos os afastamentos para qualificação e a contratação de novos professores para substituí-los e cumprirem outras funções como situações que dificultaram o início dos trabalhos da nova licenciatura da Universidade de São João del-Rei. Na prática, a condução do curso ficou a cargo dos mesmos docentes do Demat responsáveis pela elaboração do primeiro Projeto Pedagógico, com o acréscimo dos dois professores contratados após o início das atividades. Por outro lado, a chegada de novos profissionais possibilitava aos mais antigos afastarem-se das atividades na UFSJ para complementar suas formações em cursos de doutorado. Assim, a sobrecarga de trabalho continuou como uma tônica nas tarefas dos professores que permaneceram na instituição, especialmente daqueles professores ligados à área de Ensino.

*Sempre tivemos ajuda do Toledo e do Francinildo, que se dedicavam à formação de professores de Matemática também, além de terem muita experiência. Eles estavam sempre ajudando, eles ficavam no suporte, para fazer funcionar o projeto que a gente tinha proposto. [...] quando saí para o doutorado, eu era um esteio importante porque era a única pessoa da área de Educação Matemática. Os meus colegas me ajudaram muito, mas quem tinha de tomar as iniciativas, que escrever os projetos, que abrir caminhos nessa área era eu, por ser minha área de formação e atuação. Ao chegar minha vez de sair, aquele cronograma de contratação que citei não aconteceu por diversos motivos (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Quando Romélia se licenciou para cursar o doutorado, Viviane passou a ocupar o cargo de vice coordenadora, com o professor Francinildo na coordenação. Uma solução paliativa foi contratar professores em caráter temporário, os chamados professores substitutos, que, segundo o professor Francinildo, representavam mais da metade dos docentes do Departamento. Esses professores não assumiam encargos administrativos no curso e, mesmo que os assumissem, ficariam por pouco tempo na instituição. Para completar o quadro crítico da licenciatura, a maioria do corpo docente do Demat não mostrava interesse pela formação de professores nos moldes implantados. Além disso, houve

*[...] uma falta de compromisso com o curso dentro da Universidade e dentro do Departamento. [...] O curso ficou, durante alguns anos, na maneira que eu vejo, abandonado. Ao retornar, fiquei assustadíssima. A Viviane tinha sido contratada - nos quatro anos em que estive fora ela aguentou firme - e estava coordenando o curso, lecionando e orientando cerca de sessenta alunos de estágio sozinha (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

*Além desse, nós tínhamos outro problema muito complicado: quase cinquenta por cento de professores do Departamento eram substitutos. Embora sempre quiséssemos atuar no curso, acontecia também de os substitutos darem aula no nosso lugar. Num certo sentido, isso deixava a coordenação um pouco mais apreensiva e preocupada com o andamento das atividades, pois ela precisava trabalhar com muitos professores (Relato de Francinildo Nobre Ferreira).*

Muitos dos docentes contratados eram ex-alunos que, nos anos seguintes à conclusão da graduação em Matemática, voltavam como professores do curso. A esses novos docentes cabia, em geral, ministrar disciplinas dos períodos iniciais ou disciplinas de formação de professores, mais sintonizadas à Educação Matemática. Era comum os alunos das primeiras turmas enxergarem a licenciatura em Matemática da UFSJ como um curso semelhante a um bacharelado, em termos de aprofundamento, e tal concepção pode ter raízes nessa configuração. Durante os primeiros anos, o curso se caracterizava pelas dificuldades no trabalho com as disciplinas de formação de professores, devido à falta de docentes. Não havia outra possibilidade a não ser contratar professores substitutos, que atuavam isoladamente e, muitas vezes, acabavam de

ingressar na carreira docente. As razões que identificamos para essa configuração estão no descumprimento da Universidade quanto à contratação de novos servidores efetivos e os afastamentos necessários para capacitação dos professores em exercício.

*Nada contra os ex-alunos, recém-formados, que estavam ali lecionando. Mas imagine: um aluno que acabou de sair da graduação em dezembro, de um curso com muitos problemas, e, já em fevereiro, está trabalhando com formação de professores sem experiência nenhuma, sem a formação teórica necessária (Relato de Romélia Mara Alves Souto).*

Na visão de duas egressas que retornaram à UFSJ como professoras substitutas, Francilene Barbosa dos Santos Silva e Danielli Vilela Santos de Faria, aquela foi uma experiência profissional relevante, que contribuiu para o amadurecimento delas enquanto professoras. Ambas mencionaram a apreensão diante do desafio de lecionar no curso no qual, pouco tempo antes, eram alunas e, de certa forma, lecionar o que haviam aprendido enquanto discentes.

*Eu sentia uma emoção muito grande por poder ensinar o que eu havia aprendido na faculdade. Ao mesmo tempo, tive um certo medo porque ficava pensando no pouco tempo que eu tinha de formada. Isso me deixava muito preocupada. Além da experiência docente, eu orientei monitores, que eram alunos que haviam cursado a disciplina e prestavam uma assistência aos que estavam cursando a matéria no semestre (Relato de Francilene Barbosa dos Santos Silva, aluna da primeira fase).*

Ainda segundo os relatos de Francilene e Danielli, os professores contratados como substitutos ficavam responsáveis por orientações de monitores das disciplinas que lecionavam e por disciplinas dos períodos iniciais. Ou seja, cabia aos professores temporários – e, por vezes, inexperientes – apresentar parte do curso e conduzir os alunos calouros no início de suas trajetórias de formação.

*A maioria das minhas turmas era de calouros. Também como a Francilene, achei muito gratificante. Foi uma experiência muito válida, apesar do medo que tínhamos a cada minuto por termos acabado de nos formar e por estarmos lecionando em uma universidade tão bem-vista e tão conceituada. Isso exigiu de nós uma preparação muito grande. Mas quando a turma de Álgebra 1, no primeiro período, entrou, me assustei. Após o medo, vi que muitos alunos chegavam ao curso perdidos, igual a nós chegamos no nosso início (Relato de Danielli Vilela Santos de Faria, aluna da primeira fase).*

Por fim, as recém-formadas também mencionaram a precarização da remuneração que, de acordo com o inciso I do artigo 7º da Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, equivalia a “importância não superior ao valor da remuneração fixada para os servidores de final de carreira

das mesmas categorias, nos planos de retribuição ou nos quadros de cargos e salários do órgão ou entidade contratante” (BRASIL, 1993, p. 2), e a carga horária elevada. Mesmo assim, conforme as ex-estudantes, foi uma experiência válida. A ex-aluna Francilene Barbosa dos Santos Silva descreveu-a como muito importante para sua permanência no magistério. As experiências anteriores a deixaram desmotivada. Segundo o relato dessa ex-aluna da primeira turma, ela já cogitava uma mudança de área e foi a oportunidade como professora substituta na UFSJ que a manteve na profissão.

## 6 Considerações finais

Devido ao período em que a licenciatura em Matemática da UFSJ foi criada, tivemos acesso a documentos históricos institucionais e, também, a testemunhos de pessoas que participaram do momento de criação e dos primeiros anos de funcionamento. O lastro proporcionado pela História Oral permitiu-nos produzir fontes históricas a partir das memórias dos sujeitos e provocar o cotejamento dos vários materiais reunidos.

Três acontecimentos se deram quase que ao mesmo tempo: a conversão da Funrei em UFSJ, a extinção da licenciatura curta em Ciências e a criação da licenciatura plena em Matemática. Isso poderia levar à conclusão de que a criação do curso de Matemática da UFSJ resultasse exclusivamente de um dos dois primeiros acontecimentos, ou de ambos. Contudo, o surgimento da nova graduação foi motivado também por outros fatores. Nossas análises evidenciaram que a motivação para a criação de uma nova graduação que formasse professores de Matemática na região partiu da promulgação da LDBEN, com a exigência da licenciatura plena para lecionar. Por esse motivo, o curso de Ciências não poderia mais ser o principal formador de professores de Matemática da Fundação. Outrossim, alguns docentes do Departamento de Matemática da instituição manifestaram a intenção de construir um espaço no qual pudessem conduzir os rumos da formação ofertada, acreditando que, dessa maneira, os alunos teriam uma formação melhor do que aquela que, à época, era ofertada na microrregião de São João del-Rei. Paralelamente, o momento pelo qual a instituição passava levou os gestores a incentivarem a criação de novos cursos para fortalecer a ideia de uma universidade.

Algumas dificuldades próprias do curso investigado estiveram presentes no momento de criação e nos primeiros anos da licenciatura em Matemática da UFSJ. Poucos professores de um Departamento pequeno se envolveram, efetivamente, com o novo curso; a Universidade se comprometeu com um cronograma de contratação de novos professores e apenas dois foram

contratados, um número insuficiente para o desenvolvimento de um projeto consistente; e a solução paliativa foi a contratação de professores substitutos. Ainda assim, mesmo tendo, praticamente, somente frequentado aulas, sem terem tido a oportunidade de outras atividades formativas, os discentes avaliaram suas experiências como positivas e sua formação como muito boa. Em seu momento inicial, o curso resistiu às adversidades, muito graças aos docentes que se dedicaram a ele, e deu seus primeiros difíceis passos rumo a uma consolidação que viria nos anos seguintes, no bojo de um projeto de expansão das universidades federais brasileiras.

Ao comentar a dinâmica da criação e implementação do curso, procuramos evidenciar aspectos políticos institucionais da Universidade que se constituía a partir de uma experiência anterior na qual a formação de professores de Matemática não tinha espaço exclusivo, por se dar num curso que carregava as marcas do momento em que foi criado – a licenciatura curta em Ciências –, concebida como uma maneira econômica e eficiente para formar docentes para diversas disciplinas em um país de governo central ditatorial. A redemocratização do Brasil, começada nos anos 1980, envolveu mudanças na legislação educacional e, entre elas, a busca de uma formação melhor para os docentes, traduzida na exigência das licenciaturas plenas a partir de 1996.

Os relatos de professores do curso ilustram não apenas a transição operada na Universidade e no curso de formação de docentes de Matemática, mas também as situações de interações entre professores envolvidos na criação de uma licenciatura plena que precisavam se qualificar e, ao mesmo tempo, trabalhar para que o curso, demandado pela legislação educacional brasileira do final do século XX e aprovado na UFSJ, se constituísse efetivamente e contribuísse para uma melhor formação docente na região de São João del-Rei.

Não temos a pretensão de que este trabalho seja expressão máxima da verdade dos acontecimentos do passado. Em vez disso, esperamos que discussões como a que apresentamos neste artigo para o caso do curso de licenciatura em Matemática da UFSJ possam ser úteis para compreender as características da licenciatura estudada. Igualmente, compreender as motivações que levaram os docentes a procurar um espaço próprio, no qual passaram a ter o controle da formação de professores de Matemática pretendida, pode lançar luzes para outros estudos em torno da história da formação de professores de Matemática. Por fim, é possível perceber as dificuldades iniciais e confrontar tais problemas com outros, apresentados por diferentes licenciaturas quando iniciadas.

## Referências

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ARRUDA, Maria Aparecida. **Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade da Sociedade São Vicente de Paulo (1898-1905)**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BOLÍVAR, Antonio. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.4, n. 1, 2002.

BRAGA, Mauro Mendes. A licenciatura no Brasil: um breve histórico sobre o período 1973-1987. **Ciência e cultura**, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, v.2, n. 40, p.16-27, fev. 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Lei nº 8.745**, de 9 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso IX do art. 37 da Constituição Federal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 dez. 1993.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPART, Jean. DESLAURIERS, Jean-Pierre. GROULX, Lion-H. LAPERRIÈRE, Anne. MAYER, Robert. PIRES, Álvaro (org.) **A Pesquisa Qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FERNANDES, Filipe Santos; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Metodologia de pesquisa em Educação Matemática: éticas políticas na inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimentos. **Perspectivas da Educação Matemática**. v. 14, n. 34, 2020.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2010.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em História Oral e Educação Matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; BORBA, Marcelo de Carvalho (Org.). **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004, v. único, p. 151-163.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. **Zetetiké**, Campinas, v.11, n.19, p. 9-55, 2003.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; BARALDI, Ivete Maria. **Cartografias contemporâneas: novos estudos (historiográficos) para um mapeamento da formação e atuação do professor que ensina/ensinava matemática no Brasil**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; FERNANDES, Déa Nunes; SILVA, Heloisa da. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

GOMES, Maria Laura Magalhães. Oral History and Mathematics Education: Historiographical Research. In: GARNICA, Antonio Vicente Marafioti (ed.). **History of Mathematics Education**. Switzerland: Springer, 2019, p. 21-34.

GOMES, Maria Laura Magalhães. Escrita Autobiográfica e História da Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 26, n. 42A, p. 105-137, abr/2012, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. A criação das licenciaturas curtas no Brasil. **HISTEDBR Online**, Campinas, v. 12, n.45, p. 340-346, mar. 2012.

PAIVA, Paulo Henrique Apipe Avelar de. **Uma história da formação de professores no curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal de São João del-Rei (2001-2019)**. 2023. 478f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

PAIVA, Paulo Henrique Apipe Avelar de. **Entre as memórias do Campo das Vertentes: uma história da formação de professores de Matemática da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (Funrei) no período de 1987 a 2001**. 2016. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

RIOS, Diogo Geraldo. **Trajetória religiosa e profissional do Prof. Jordano Noordermeer**. 2008. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Matemática) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João del-Rei, 2008.

ROQUE, Ana Catarina Cantoni. **A formação de professores de Matemática no curso do MIT/UNIVALE: marginalidade, protagonismo e extinção (Minas Gerais, 1968-2012)**. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG, Belo Horizonte, 2019.

SILVA, Carla Regina Mariano; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Licenciaturas Curtas e a formação docente no Sul do Mato Grosso Uno. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 282–298, 2018. DOI: 10.20396/zet.v26i2.8649664. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8649664>. Acesso em: 22 jul. 2021.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Plano de Desenvolvimento Institucional – 2014 – 2018**. São João del-Rei, MG, 2014. Disponível em <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/dplag/PDI%20VERSAO%202014.pdf>. Acesso em 19/05/23.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Relatório de Gestão 1998 – 2003**, São João del-Rei, MG, 2003.